

O ENSINO DE LÍNGUAS E A IDENTIDADE CULTURAL

Eddy Rosseel

Diretor do Centro de
Lingüística Aplicada do
Instituto de Idiomas Yázigi e
Secretário-Geral do AIMAV

Vivemos e trabalhamos no Brasil, isto é, no Terceiro Mundo. Para uma região como esta que apresenta enormes problemas econômicos e sociais e onde o seu índice de alfabetismo é, tão-somente, de 70%, se faz necessária uma indagação: "São as línguas estrangeiras suficientemente importantes para fazerem parte de um curriculum escolar em tal região ou em tal país? Esta região ou este país não poderão apresentar prioridades mais urgentes?".

Não pretendo por ora esgotar esse assunto, pois ele estará presente explícita e implicitamente durante as diferentes mesas-redondas e sessões que serão realizadas no decorrer deste Seminário. E, talvez, no plenário de encerramento, possamos chegar bem perto de uma resposta racional e satisfatória.

Gostaria, apenas, de submeter à apreciação dos senhores duas opiniões a respeito dessa problemática. A primeira é do Prof. Roberto Ballalai que diz: "Em termos culturais a função é a de dar ao país o acesso a qualquer texto de qualquer outra civilização, a fim de que, através da decodificação desse texto, possamos ter à nossa disposição todas as informações que realimentarão o nosso próprio sistema de conhecimento." A segunda opinião é a da Redação de INTERAÇÃO, revista voltada ao ensino e aprendizagem de línguas, que diz: "O ensino de línguas estrangeiras, como parte integrante do curriculum escolar, deve, cada vez mais, se comprometer com um processo educacional mais amplo, cooperando assim para a amplificação do horizonte do aprendiz."

O que eu pretendo fazer é examinar algumas das variáveis implicadas nessa questão.

De um lado, a maioria das pessoas concorda que o ensino de línguas estrangeiras no Brasil não é muito eficiente. Por outro lado, quero lhes dizer que o Brasil não é uma exceção. Atendendo a uma solicitação da UNESCO, um grupo de membros da AIMAV — a Associação de Professores Universitários — que vem se dedicando ao estudo e promoção da comunicação intercultural — se propôs a pesquisar a situação do ensino de línguas estrangeiras em aproximadamente 40 países — amostragem esta bastante representativa. Para esta pesquisa, foram enviados questionários com 253 itens. As primeiras questões se dirigem à avaliação da "qualidade" de ensino de línguas estrangeiras. A maioria dos entrevistados africanos e sul-americanos respondeu que a qualidade do ensino em seus países é má ou insuficiente. Dentre as razões apontadas, algumas parecem ser as mais importantes:

- falta de recursos, devido, em grande parte, à situação econômica. Isso implica também na existência de turmas numerosas. Por exemplo, na República do Congo há 150 alunos numa só classe, na Etiópia, 60, no Equador, 50, etc.;
- insuficiente treinamento de professores;
- por uma questão de sobrevivência digna, os professores dão 40 ou mais horas/aulas por semana, o que os impede de terem tempo para preparar suas aulas ou participar de reciclagens;
- emprego de ineficientes métodos de ensino ou, ainda, de ineficazes usos de métodos. Neste caso, parece que a ineficiência do método empregado não é a validade do método em si mesmo, mas sim da não-adequação do método às situações nas quais eles são aplicados.

Realmente, a maioria dos métodos (livros-texto) pretende ser completo e adequável a qualquer aluno, em qualquer parte do mundo. Mas isso me parece como algo irrealístico. Um livro-texto de inglês que pudesse ser adotado por chineses, brasileiros, franceses, papuas, etc., seria uma ilusão.

Aqueles métodos negligenciam o aprendiz, que é o elemento mais importante de todo o processo. Portanto, um método só poderá ser eficiente se estiver fundamentado em uma cuidadosa análise de suas necessidades. Isso implica no estudo e na hierarquização de todas as variáveis, tanto no macrosistema quanto no microsistema onde elas ocorrem.

O elemento central não é a língua, não é o professor, nem o sistema educacional: é o aprendiz.

Desde que cada situação é diferente, uma metodologia de ensino deve permitir que se levem em conta as diferentes situações e é por isso que os chamados manuais universais são ilusões.

Situações e necessidades estão em contínua interação. Então, o estudo das situações significa o estudo das necessidades. Mas uma das principais perguntas que surge quando se identificam e se analisam as necessidades é: estas operações são exequíveis? São praticáveis no campo do ensino de uma língua estrangeira?

Na verdade:

- as necessidades não são sempre manifestadas;
- algumas vezes não são manifestadas com clareza, pois a manifestação não reflete necessariamente a necessidade real; são, de um certo modo, dissimuladas;
- algumas manifestações são consideradas como internas e pessoais enquanto são, de fato, o resultado de influências externas;
- durante o processo de aprendizagem, as necessidades estão sujeitas à evolução e modificação devidas ao próprio processo de aprendizagem, bem como a fatos ambientais. Isto porque, por definição, o processo de aprendizagem requer a necessidade de insumos de informação e desde que a informação reduza o volume daquilo que não é conhecido, há evolução. Em cada um dos estágios desta evolução o aprendiz se vê em uma situação diferente, que produz novas ou diferentes necessidades.

Além disso, a noção de 'necessidade' não deve ser confundida com a noção de 'solicitação' a qual deve ser definida como uma necessidade imposta pelo ambiente. Por exemplo: quando um governo escolhe a língua a ser ensinada nas escolas é porque ela serve de veículo para objetivos econômicos ou políticos. Há outros fatores ambientais que também geram necessidades. É óbvio que uma atividade sócio-econômica, tal como a publicidade, visa a criar necessidades, e, ao mesmo tempo, a satisfazê-las.

Como necessidades são funções de situações dadas e de fatores relativos que governam essas situações, a "necessidade" de aprender um idioma estrangeiro é de fato o resultado de uma outra espécie de necessidade. Marcel de Grève mostra que um trabalhador da Tunísia TEM que aprender francês se ele quiser um emprego numa fábrica francesa, em seu próprio país; o jovem técnico da Acácia (Canadá Francês) TEM que aprender inglês a fim de conseguir uma promoção; o trabalhador imigrante para se comunicar TEM que aprender a língua do país no qual trabalha.

Esses exemplos, entre tantos outros, demonstram que não se pode realmente considerar esses casos como necessidade, mas sim como condicionamento, coação.

No que diz respeito a esta matéria deve-se fazer uma distinção entre as necessidades de uma instituição e aquelas de um indivíduo. Em alguns casos, possivelmente, elas estão em concordância mas geralmente estão em conflito. Francis Debyser ilustra este problema argumentando que a questão básica, relevante, não deve ser "Como podem as necessidades de um aprendiz ir em/ao encontro daquelas do seu empregador?" mas "É possível as necessidades do aprendiz irem ao encontro daquelas do seu futuro empregador?". Quando usamos o termo "necessidades", estamos falando "aquelas do aprendiz? do empregador? da sociedade? de uma companhia (Westinghouse, Michelin, Migro, Volkswagen)? ou do Estado"? A resposta para esta pergunta aparentemente ingênua é que, pelo menos, dois importantes parceiros participam na definição da necessidades, isto é, o aprendiz e a comunidade, e que a "necessidade ideal" é uma concessão mútua.

Assim, é provável que enquanto esta mesma palavra — "necessidade" — está sendo usada pelo governo, pelo professor, pelo gerente de uma companhia, o aprendiz e seus pais, de fato, estão dando a ela significados diferentes.

De qualquer maneira, a noção de "necessidades" não é absolutamente simplória. É ambígua e como disse Louis Porcher: "Uma necessidade não é um simples objeto que se pode encontrar na rua. É um objeto construído, o centro de uma rede conceitual, bem como o resultado de um número de escolhas epistemológicas."

Mas a despeito das dificuldades de se fazer isto, necessidades precisam ser identificadas caso desejemos os objetivos certos e conteúdo do nosso ensino.

Evidentemente a identificação do aprendiz precede a identificação de suas necessidades, desde que a identidade do aprendiz determine parte daquelas. Por outro lado, identidade é preliminar, mas também receptáculo evolutivo que recebe e integra os elementos de uma informação que se espera. Esta matriz fundamental que constitui a identidade individual e cultural, define **como** uma pessoa aprende e o **que** ela aprende.

A esta altura é muito útil nos concentrarmos na noção de identidade, e mais precisamente na noção de identidade cultural: o conceito de identidade foi usado primeiramente em psicologia. Laing, Philipson e Lee deram a seguinte definição a "De fato, (...), a identificação do EU ("eu" olhando para "mim") é constituída não somente pela maneira como nós nos vemos a nós mesmos, mas também pelo nosso ver como os outros nos vêem e nossa reconstituição e alteração dessa visão que os outros têm de nós. A importância dada à visão dos outros mostra claramente que a identidade psicológica é um dado social. Identidade é aquilo que distingue o indivíduo de outros indivíduos: se identidade é a essência daquilo que é igual ao EU, é também a essência daquilo que é diferenciador dos outros". Esta conceituação leva-nos ao conceito de cultura.

Há diferentes abordagens ao conceito de cultura. A primeira é humanística e considera cultura — muitas vezes em termos muito vagos — como o aperfeiçoamento das faculdades mentais, ou um gosto refinado, ou um grande desenvolvimento intelectual e estético. Essa é, em essência, a percepção do leigo.

Uma segunda série de definições compreende cultura como um conceito geral e um objeto de estudo científico. Edward Burnett Tylor foi o primeiro a formular, em 1877, uma definição "moderna": "Cultura... é aquele complexo total que inclui conhecimento, crença, arte, padrões de comportamento, lei, costume e quaisquer outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade". Numa análise crítica do famoso estudo de Kroeber e Kluckhohn, a maioria das definições de cultura são ou enumerativas ou definições por critérios. Mas elas não são práticas porque enquanto as primeiras séries requerem listas infundáveis de elementos, as outras são muitas vezes estéreis.

Ainda que cultura basicamente inclua todas as modificações feitas pelo homem no mundo, eu gostaria de definir cultura da seguinte maneira: cultura é a totalidade das produções do homem que em uma dada sociedade são o resultado de

criatividade e são transmitidas por um processo não genético. O fato de ser humano, comer e beber não é cultura (esses atos são 'necessidades primárias'), mas o fato de ele comer comidas específicas e de comer de uma certa maneira (as mesmas comidas da mesma maneira como o fazem outros membros do seu grupo) é um fato cultural.

Essa definição acima inclui maneiras de pensar, bem como tipos de organização, atitudes, símbolos e interação. Além disso essa definição elimina a necessidade de listas que forçosamente serão incompletas.

Quando uma pessoa aprende uma língua estrangeira, a cultura está duplamente envolvida: de um lado, o aprendiz é iniciado na complexidade de uma cultura diferente da sua, e de outro, a aproximação é realizada através do subtrato da sua própria identidade.

Enquanto isso quando membros de uma mesma cultura se comunicam uns com os outros, eles usam o mesmo código de símbolos, o mesmo canal de significação. O processo de decodificação da mensagem que eles enviam uns aos outros é executado de um modo completamente inconsciente, pois eles adquirem, 'integram' um comportamento específico e os efeitos deste comportamento que eles compartilham com outros membros do grupo. A transmissão deste 'todo' não é hereditária.

Realiza-se por intermédio do mecanismo da aprendizagem. Assim, **identidade cultural é a combinação impar de traços culturais compartilhados por membros de um grupo. A nível individual, identidade cultural é "a integração desta constelação complexa na personalidade"**.

Em outras palavras, identidade cultural é a consciência de ser parte de um grupo, e, conseqüentemente, é também a consciência de ser diferente de outros grupos.

É óbvio que o conceito de diferença deve ser levado em consideração na reflexão a respeito do aprendizado de uma língua estrangeira, porque a língua é um componente fundamental da identidade cultural. A língua é duplamente um reflexo e apoio da identidade cultural. Se por um lado a língua é transmitida como parte da cultura, por outro, a cultura, como um todo, é transmitida grandemente pela língua. Esta tomada de posição está de acordo com Halliday, quando diz que "língua é duplamente o produto e o meio pelo qual nós temos acesso aos sistemas de relacionamento do significado, que

constitui cultura, isto é, especificamente o ambiente do homem".

INTERCULTURA: Adquirir uma outra língua, isto é, compreender e produzir nesta língua é, de uma certa maneira, aperceber-se da cultura por ela veiculada, realizando assim um reencontro de culturas.

A orientação intercultural parte de uma opção cuja ação é centrada nas zonas de contacto. De modo esquematizado, são apresentados três elementos de vivência situacional do aluno: a realidade da cultura materna (RO), a realidade da outra cultura (OR) e a sua própria identidade individual (II).

As maneiras como as culturas se encontram no aprendizado podem demonstrar todas as formas entre o casamento de um lado, e o desencontro, de outro.

Definitivamente, a educação intercultural deve conduzir à formação do homem como indivíduo social e psicologicamente identificado pela interação das culturas do sec. XX. Este novo modelo de homem é aquele cujos horizontes se compreendem de um modo significativo, além de sua própria cultura.

Assim, o enriquecimento provém da diversificação. E é a partir desse prisma que nós nos utilizamos do conceito de "singlosia". A "singlosia" veicula a noção de dinâmica associativa e engloba aquela de pluricultura ao nível da sociedade e aquela da intercultura ao nível do indivíduo. É claro que para ser operacional "essa concepção deve partir da racionalidade para assimilar os costumes e as vivências".

Assim, a "singlosia" implica o contato, a interpenetração, uma osmose, mas sem que os grupos nem os indivíduos percam sua identidade. A condição primeira da singlosia é a de questionar as sociedades bloqueadas, as relações dominante/dominado e os sistemas educativos tradicionais.

Trata-se, segundo a etimologia de "σύν", de "agrupar" "em comunhão com". Ora, um dos principais significados de "σύν", como proposição, não seria e "em auxílio a"? A singlosia é reunir seletivamente os traços culturais de origens diferentes.

Dessa forma, os elementos que a compõe são:

— contidos no signo lingüístico, logo comunicáveis;

— representativos de um "saber" e, portanto, suscetíveis de serem ensinados.

Isto significaria que a prioridade é dada à Lingüística? Melhor seria dizer que ela é dada ao "comunicável": por exemplo, o canto, a música, a linguagem do corpo, existem além de um folclore não significante. A linguagem, sistema aberto, exprime e recebe a realidade humana e é, de uma só vez, veículo e catalizador. É o centro das interações evolutivas do pensamento, do indivíduo e da sociedade pluricultural. A linguagem é, portanto, concebida como o sistema simbólico fundamental que se concretiza nos discursos próprios de cada língua. O prazer da língua é também o da linguagem.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — FREUDENSTEIN, Reinhold (ed.). *Language Learning, Individual Needs, Interdisciplinary Co-operation, Bi-and Multilingualism*. Bruxellas, AIMAV, 1978.
- 2 — GERMAIN, Claude. "L'approche fonctionnelle en didactique des Langues". *The Canadian Modern Language Review*, vol. 37, 1, 1980.
- 3 — NASR, Rajat, ODONUGA, Segun, ROSSEEL, Eddy, Young Silva, Catharine (eds.). *Foreign Language Teaching and Cultural Identity*. São Paulo, Instituto de Idiomas Yázigi, 1982.
- 4 — RICHTERICH, René e CHANCEREL, Jean-Louis. *L'identification des besoins des adultes apprenant une langue étrangère*. Strasbourg, Conselho da Europa, 1977.
- 5 — ROSSEEL, Eddy (ed.) *La langue française dans les pays du Benelux: besoins et exigences*. Bruxellas, AIMAV, 1981.